

OS 1700 ANOS DA PROCLAMAÇÃO DO CRISTIANISMO COMO RELIGIÃO OFICIAL DA ARMÊNIA

*Yervant Tamidjian**

Resumo: *Visão geral da presença do cristianismo na Armênia, primórdios, aspectos históricos, importância nacional.*

Palavras-chave: *Krikor, Drtad, Messrop, Vartan, Igreja Apostólica Armênia, Assíria, Império Bizantino.*

“Precisamos nos reverter ao valor espiritual. O cristianismo na Armênia não é um fato, não é um ato formal e legal; é uma vida, é uma força contínua.

A comemoração dos 1700 anos da nossa Igreja deve se transformar numa nova forma de batismo para toda a armenidade, tanto na Armênia como na Diáspora. Ela deve ser a compreensão profunda da consciência de fé cristã, introspecção no nosso mundo espiritual, dentro do nosso estilo de vida. Não basta dizer que somos cristãos pelo mero fato de termos recebido o batismo da Igreja. Devemos, sim, dizer que somos cristãos – e devemos fazê-lo quando sabemos que vivemos como cristãos.

O 1700º aniversário deve se transformar num importante encadeamento de atividades nos próximos anos, tanto na Armênia como na Diáspora, o que nos possibilitará a revelar ao mundo o valor do cristianismo na vida do nosso povo, seu papel nesses dezessete séculos, fazendo uma análise séria, objetiva e científica, e não através de meros discursos.

Temos programado diversas atividades visando a transformar nossa Mãe Pátria num local de peregrinação, para que a Armênia, terra arada com o sangue dos nossos mártires, e corporificada pelas virtudes dos nossos antepassados, seja transformada no solo abençoado de todos os seus filhos”.

Karekin I

Catholicós de todos os Armênios

* O autor é Auxiliar de Ensino do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP.

1700 ANOS DA PROCLAMAÇÃO DO CRISTIANISMO COMO RELIGIÃO OFICIAL NA ARMÊNIA

O Cristianismo aproxima-se do final do seu segundo milênio. Pessoas, instituições educativas, religiosas ou civis, Estados, Igrejas, organizações internacionais e ecumênicas começam concentrar e refletir, num processo de análise e sob uma ótica pessoal, o estágio atual do mundo, traçando, paralelamente às condições da realidade, previsões sobre o futuro, mesmo que esse futuro se apresente de forma incógnita ou nebulosa. Livros são escritos, realizam-se conferências, organizam-se debates, formam-se núcleos de pesquisas, verificam-se os fatos históricos, avaliam-se os sucessos alcançados e comentam-se falhas persistentes com o objetivo de uma previsão melhor no futuro.

Com a proximidade do novo milênio, a Igreja e o povo armênio também possuem um motivo excepcional para se despedir deste milênio e abraçar a alvorada do terceiro milênio, de forma peculiar mas com muita seriedade. Em se tratando do primeiro ano do terceiro milênio, a data será registrada pela comemoração do maior fato da história armênia, o 1700º aniversário da proclamação do cristianismo como religião oficial do Estado armênio. A Armênia foi o primeiro país do mundo, onde o rei, a corte, os príncipes, o exército e o povo se converteram ao cristianismo, declarando-a como religião oficial. O fato coincide com a empolgante comemoração cristã que se aproxima e registrará os 2000 anos do nascimento de Cristo.

Sabe-se que, no início do século IV, com o batismo do rei armênio Dratd III (Tiridates), e através de decreto oficial, o cristianismo foi proclamado como religião oficial de Estado.

Convém informar que essa data tem sido motivo de discussão entre vários historiadores e cientistas. Algumas pesquisas apontam-na entre 313 e 316.

No entanto, para as comemorações que objetivam registrar a perpetuação dos 1700 anos de fé cristã na Armênia e nos países circunvizinhos, essa questão não tem maior relevância, visto que, como dado generalizado, e de acordo com a tradição, a maioria aceita o ano de 301. Assim sendo, o primeiro ano do terceiro milênio culminará com essa comemoração. Conforme consta no *Dicionário da Igreja Cristã de Oxford*, “os armênios foram os primeiros que aceitaram o cristianismo”.

O decreto do rei, declarando o cristianismo como religião oficial, não significa que a religião cristã penetrou na Armênia pela primeira vez somente no ano de 301. Muitos fatos históricos destacam a presença cristã na Armênia já a partir dos séculos I e II. A origem da Igreja Armênia remonta, portanto, à época dos Apóstolos, que pregavam a nova doutrina. Nos primeiros séculos do cristianismo, a Armênia mantinha laços estreitos com o Ocidente e ao sul com os cristãos assírios.

As recentes pesquisas são abundantes em documentos sobre o fato de que, ainda em tempos remotos, desde o século I da nossa era, o cristianismo era pregado em vários pontos da Ásia Menor, tanto na Capadócia como na Assíria Oriental, estendendo-se paulatinamente ao oriente, chegando a alcançar a longínqua Índia.

A Igreja Armênia denomina-se formalmente como *Igreja Apostólica Armênia*, pelo simples motivo de que, conforme a tradição, os primeiros divulgadores da nova religião na Armênia foram os Apóstolos Tadeu e Bartolomeu, dois dos doze Apóstolos de Cristo. O trabalho desenvolvido pelos dois se expandiria, progressivamente, nos próximos dois séculos, não raramente à custa de mártírios. As sepulturas desses Apóstolos, venerados pelo povo, são hoje locais de peregrinação. Desde o início da infiltração cristã até o século IV, quando o país formalmente a adotou, ou seja, ainda no período oculto do cristianismo, ocorreram muitas perseguições de cunho religioso, especialmente nos anos 110, 250 e 287.

Para um melhor entendimento da conversão da Armênia, é necessário levar em consideração a seguinte realidade: para os que habitavam as regiões circunvizinhas, no sul como ao oeste da Armênia, o cristianismo não era uma religião alheia. Destacam-se nesse contexto regiões da Assíria Oriental, Edessa, Medzpin, Melidina e a Cesarea, na Capadócia.

É curioso observar, portanto, que os povos que usavam a língua assíria foram os primeiros a manter contato e relacionamento com os pregadores, os apóstolos e seus seguidores. Os historiadores dessa época remota confirmam que, nos primeiros séculos da extensão do cristianismo, a experiência adquirida pelos povos que usavam a língua assíria era igualmente transferida à Armênia sem qualquer alteração, uma vez que a cultura e os costumes desses dois países eram estritamente ligados um ao outro. (A obra “O Concílio de Calcedônia e a Igreja Armênia” de Karekin I, Patriarca Supremo e Catholicós de Todos os Armênios, revela uma visão abrangente sobre os três primeiros séculos, assim como algumas pesquisas realizadas por Arthur Voobus, que tratam da vida de convento e do cristianismo assírio).

Para podermos entender a conversão da Armênia para o Cristianismo, devemos primeiro qualificar tal fato como *atividade*, e não como *acontecimento*. O decreto da corte jamais poderia fazer com que o povo mudasse, num simples toque de mágica, seus hábitos e crenças, que tinham raízes profundas, mescladas à própria história milenar e com costumes próprios. Mesmo depois de ser declarado oficial, foi necessário um século para que o cristianismo superasse definitivamente a oposição, que se opunha à nova religião e persistia continuar na preservação dos valores pagãos. De fato, o século IV foi um período turbulento, com diversos confrontos, mas uma fase inicial decisiva que, ao mesmo tempo, veio fortalecer a nova autoridade religiosa, infiltrando-se gradativamente na vida cotidiana do povo.

O precursor dessa grande conversão nacional de âmbito religioso foi Krikor (Gregório) Bartev, um armênio parto. Os armênios chamam-no de “O Iluminador”, pois foi ele que realmente *iluminou* a nação armênia com a luz do Evangelho. O rei Drtad (Tiridates), da dinastia dos reis Archaguni (Arcássitas), era patrício de Krikor, pois ambos tinham origem armênia parto.

Os acontecimentos imediatamente anteriores nos revelam o desenvolvimento dos fatos que influenciaram no processo de conversão da nação armênia ao cristianismo.

No ano de 226, uma reviravolta política na Pérsia passaria o poder do império das mãos dos Arcássitas para a dinastia Sassânida. No entanto, a ramificação armênia dos Arcássitas continuou ainda a reinar na Armênia.

Os Sassânidas tinham como objetivo fundamental destruir os governantes Arcássitas da Armênia, a fim de assegurar e consolidar o domínio persa na Armênia. Para pôr em prática esse plano, os governantes Sassânidas convenceram o príncipe armênio Anak, de origem arcássita, a eliminar o rei armênio Khossrov, da dinastia arcássita que, por sua vez, era parente distante de Anak. Como recompensa, os persas prometeram entregar-lhe a coroa da Armênia. Anak era o pai de Krikor (O Iluminador) e Khossrov, de Drtad. O príncipe Anak executou o pedido dos persas e assassinou o rei Khossrov, mas ao ser descoberto seu plano traiçoeiro, ele próprio foi eliminado pelos príncipes armênios. Esses fatos tiveram lugar no ano de 240, quando Krikor, como Drtad, ainda eram crianças.

Krikor cresceu e foi educado na doutrina cristã na cidade de Cesarea, na Capadócia, enquanto Drtad permaneceu na religião pagã, enfrentando momentos de extrema dificuldade política, na encruzilhada das sucessivas guerras entre o Império Persa e o Império Romano Oriental. Drtad finalmente conseguiu retomar a coroa do reino armênio no ano de 287, graças ao apoio do imperador Deocleciano. O encontro de Drtad com Krikor ocorreu por ocasião de uma festividade que se realizava na cidade de Edessa. Ao tomar conhecimento da sua origem e a religião, o rei imediatamente ordenou que prendessem Krikor e o torturassem, depois da qual Krikor foi encarcerado e levado à prisão solitária na região de Virab. Esse local era destinado aos presos perigosos, onde eles permaneciam até a morte em condições precárias e sem qualquer assistência.

Ocorre que nessa mesma época, um grupo de virgens chegou à capital da Armênia, Vagharchabad. Encantado pela beleza de uma delas, Ripsimé, o rei quis conquistá-la e torná-la uma de suas mulheres prediletas. Ao ser negado e encontrando inabalável resistência por parte da virgem, e não aceitando tal insubordinação, o rei ordenou que a executassem junto com suas 37 amigas. Passado algum tempo, Drtad se acometeu de uma estranha doença que aos poucos o induzia à loucura. Desesperada e impotente diante da situação criada, e não podendo buscar uma solução ou uma cura, sua irmã Khossrovitukht, no âmago de seu desespero, resolveu se converter à religião cristã. Logo ela convenceria o rei a retirar Krikor da prisão e, ao final do ano 300, através de suas orações, Krikor conseguiu livrar o rei da

sua doença, salvando-o da morte iminente. Todos esses acontecimentos, mais a própria recuperação de saúde tiveram um papel fundamental, induzindo o rei a se converter ao cristianismo e, posteriormente, oficializar a nova religião.

Krikor era um mero pregador e atuava sozinho, sem auxílio ou acompanhamento de qualquer pessoa. Mas já no final do ano de 301, a estrutura religiosa na Armênia havia se transformado radicalmente, com o culto aos deuses pagãos entrando em decadência e, gradativamente, na fase de desaparecimento.

Dessa forma, a compreensão da tomada de posição da Igreja cristã e do povo e, por conseguinte, a avaliação da empolgante atividade desenvolvida por Krikor, (Gregório) o Parto (que posteriormente seria chamado de Krikor, o Iluminador), dão condições para a correta compreensão da aceitação oficial da nova religião pelo Estado armênio.

O Concílio de reformas, realizado no ano de 353 pela maior figura do século, S. Nercés, o Patriarca Supremo da Igreja Armênia, que também é conhecido como o “Iluminador dos Corações” comprova, de forma objetiva, a realidade acima mencionada. As doutrinas desse Concílio revelam a determinação dos líderes da religião cristã de modificar o comportamento espiritual, a filosofia e conteúdo do antigo culto pagão.

Efetivamente, a pregação da nova religião continuou na Armênia no século IV, com ampla colaboração de pregadores gregos e assírios. Mas um grande obstáculo impedia a divulgação do Evangelho fluentemente, pois sentia-se a ausência de um fator essencial de unificação nacional, ou seja, a língua armênia não possuía ainda seu próprio alfabeto. Os documentos escritos utilizavam ora a escrita persa, ora a grega, dificultando sobremaneira a comunicação no próprio povo.

Com o propósito de tentar eliminar essa grande lacuna, que começava a ameaçar a integridade da nação, um bispo armênio, Messrob, inventou o alfabeto armênio em 406, com o apoio do rei Vramchabuh e o Catholicós Sahag. Nos trinta anos que se seguiram à criação do novo alfabeto, realizaram-se as primeiras grandes traduções, a começar pela Bíblia (do grego), em 406, e importantes obras dos Patriarcas da Igreja.

Essas traduções, encabeçadas e lideradas pelo Catholicós Sahak, tendo como seu assistente imediato o criador do alfabeto, Messrop Machtots, não se resumiam em simples trabalhos de transferir as obras literárias de uma língua a outra. Com certeza, o que se desenvolveu naquele período foi um *movimento cultural*, ou seja, além da própria tradução da Bíblia, foram traduzidas e escritas muitas outras obras religiosas de cunho ritual-cerimonial, outras doutrinárias e livros alusivos às glórias e heranças literárias cristãs, tanto do grego como do assírio. Podemos considerar o trabalho dessas traduções como um movimento que, nos tempos atuais, receberia a denominação de *movimento de aculturação*.

As traduções dessa época não foram atividades exclusivamente literárias ou científicas. Elas também foram meios à pregação e divulgação da Palavra de Deus, servindo, dessa forma, à divulgação do cristianismo, reformulando hábitos e tradições, atingindo as esferas culturais, sociais e até a vida política. Essa foi uma das fases *inéditas* na vida espiritual e cultural do povo armênio, que ficou conhecido como “*O Século de Ouro*” da história e literatura armênia. Efetivamente, conforme os relatos de cientistas e historiadores, a verdadeira conversão da Armênia ocorreu nesse período, quando as pessoas transformaram a religião cristã na *própria* fé, manifestada com a *própria* língua e dentro da *própria* esfera da unidade nacional.

Dáí por que Goriun, notável biógrafo e aluno de Messrop Machtots, qualificar o século V como o momento de transformação da Armênia, conforme vemos a seguir:

“Naquele tempo, nossa abençoada e tão amada terra da Armênia era, sem dúvida, maravilhosa, quando Movsés (O Khorenatsi), que ensinava as leis, de forma tão sábia, e o progressivo Boghos (Paulo), e toda a equipe de apóstolos, unidos pelo Evangelho de Cristo, Salvador do mundo, inesperadamente apareceram com as letras armênicas e escrevendo em armênio.

Ali estava, portanto, a verdadeira alegria do coração e a visão gratificante para os olhos de quem olhava; porque naquele país, onde foram realizados os milagres de Deus, mas que se encontrava muito distante de onde a boa notícia provinha, em pouco tempo e rapidamente se familiarizava (com seu alfabeto – Y. T.), e isso não apenas para os que viviam naquele tempo,

mas também para os que viveriam antes da eternidade, e os que ainda viveriam, para o princípio e o fim”.

Ghazar Parbetsi (Lázaro de Parbet), historiador do mesmo século, descreve esse aspecto da transformação do povo armênio de modo mais colorido e vibrante, como vemos no seguinte trecho:

“Foram rapidamente abertas escolas para o ensino do armênio. Multiplicaram-se os escritores, os quais superavam uns aos outros. As cerimônias religiosas se enriqueceram, as multidões de homens e mulheres se saciavam espiritualmente, participando das festas do Salvador e da recordação dos mártires. Recebendo o conforto espiritual do Grande Mistério da Hóstia, eles, velhos ou jovens, voltavam às suas casas cantando os Salmos e cânticos religiosos pelas ruas, que também eram ouvidos nos locais públicos e dentro das casas. As Igrejas resplandeciam, cresciam os testemunhos dedicados aos mártires. As interpretações ecoavam em todos os cantos, infinitamente, refletindo o sentido encoberto das palavras dos profetas, preparando as mesas para o alimento espiritual; e o povo, que se alimentava dele, podia adotar seu paladar, conforme está escrito nos Salmos, pois “é mais doce que o mel, do mel que pinga da colmeia”. Numa palavra, o país dos armênios estava repleto da sabedoria de Deus, da mesma forma que as águas cobrem o mar”.

Podemos dizer também que, devido a essa transformação, em meados daquele século, os armênios travaram a decisiva batalha deflagrada contra a Pérsia, que tentava, a todo custo, impor o retorno às tradições do paganismo. Foi na véspera da grande Batalha de Avarair, em fevereiro de 451, que os armênios manifestaram, publicamente, sua profissão de fé. Para os dias de hoje, semelhante manifestação poderia nos parecer mera retórica; no entanto, tais momentos foram realmente vividos e registrados nas páginas da história, com o martírio daqueles que professavam a fé cristã, na melhor avaliação do reflexo da fé. A comprovação dessa fé arraigada e inabalável está caracterizada na seguinte declaração dos armênios, em resposta ao ultimato dos persas Sassânidas: “*Nada pode nos abalar desta fé; nem os anjos, nem os homens, nem a espada, nem o fogo, nem a água, nem mesmo qualquer tipo de terrível agressão*”.

É por este motivo que, o teólogo e historiador Yeghiché (Eliseu), que tão bem relata a epopéia de Vartanants (Vartan Mamigonian, grande general armênio que travou a crucial Batalha de Avarair e tombou, heroicamente, às margens do rio Deghmut, com um exército de 66.000 soldados, enfrentando as legiões do Império Persa, com mais de 300.000 soldados e seus elefantes, algo inusitado e desconhecido para os armênios), confirma a determinação do povo armênio, ao afirmar que o cristianismo “*não é roupage, mas a própria cor do corpo*”.

Depois da Batalha de Avarair, (mesmo derrotados militarmente, os armênios não se submeteram às pressões dos persas, que preferiram adotar uma postura política mais branda com relação a esses) e nos anos que se seguiram, mas principalmente a partir da segunda metade do século V, o cristianismo se consolidou em bases absolutas nos hábitos e costumes do povo armênio, elo esse que o acompanharia no seu cotidiano e no seu destino.

Nos primórdios da história do cristianismo, quando se forjava a organização natural da Igreja Armênia, o ano de 506 se transformou num marco importante. Naquele ano, a Igreja Armênia tomou o primeiro passo, ao rejeitar o Concílio de Calcedônia (451), recusando a imposição do Império Bizantino, que pretendia estender sua influência sobre os cristãos do Oriente Médio e do Cáucaso, a fim de dissolvê-los culturalmente e submetê-los politicamente. Além das objeções apresentadas contra as doutrinas teológicas do cristianismo, que seriam adotadas pelos demais presentes no Concílio, assim como o Calendário apresentado pelo Papa Leão, os armênios tinham razões suficientes para recusarem as imposições apresentadas pelo Concílio. A questão é que, o Concílio de Calcedônia servia como um meio, para levar adiante a política Bizantina de expansionismo, com a gradativa dissolução das culturas existentes. Os armênios viam nessa atitude uma nova ameaça, que poderia comprometer a integridade nacional cristã.

No século IV e nos subseqüentes, a decisão anti-Calcedônia da Armênia se aprofundou e consolidou-se. A partir de então, a independência da Igreja Armênia tornar-se-ia inabalável. Séculos depois, foram feitas diversas tentativas de reconciliação, a fim de conseguir reerguer a união das

Igrejas Cristãs, as quais, no entanto, não lograram o sucesso almejado, e a ferida do rompimento inicial teve uma conseqüência desastrosa para a Igreja Cristã do Oriente Médio, da Ásia Menor e do Cáucaso.

Como vemos, a fé cristã influenciou o destino do povo armênio de tal forma que, a nação e a igreja conviveram inseparáveis. Qualquer perigo que viesse a ameaçar a identidade da igreja seria visto como uma ameaça à integridade da nação e da pátria, e vice-versa. Portanto, podemos dizer que foram esses aspectos históricos que moldaram o caráter *nacional* da Igreja Armênia.

A conversão da nação armênia ao cristianismo teve seu reflexo sobre a história e o destino do povo armênio. Nos séculos seguintes, os armênios passaram a viver alimentados pela inspiração do Evangelho. A vida familiar, os hábitos, o inter-relacionamento entre as pessoas, tudo enfim, tinha como princípio a vida de Cristo e os ensinamentos da doutrina cristã.

A reflexão cristã e tudo o que estava escrito no Evangelho e pregado por Cristo, tornou-se filosofia de vida. Tal filosofia encontraria sua manifestação nas mais diversas esferas da cultura armênia, guiada e conduzida pela Igreja Armênia, como se pode observar na literatura, arquitetura, escultura, música e outros gêneros artísticos, desenvolvidos pela influência direta da fé cristã. As ciências em geral, junto com a filosofia, se moldaram de acordo com as tradições cristãs. Os conventos se tornaram centros de atividade cultural. Vê-se aí a predominância de um estilo de características peculiares, tidos como de inspiração divina, teológica, onde floresceu a literatura doutrinária de costumes e hábitos, muito presente nos cânticos sagrados e cerimônias religiosas. Moldava-se, assim, a padronização da civilização nacional.

No seu relacionamento com os demais povos, os armênios sempre tiveram a preocupação e firme convicção de manter e desenvolver seu estilo de vida fundamentado nas tradições cristãs. Simultaneamente, ao manter intercâmbios de cooperação ou em caso de discordância, eles sempre se comportaram com o firme propósito de que a cultura armênia, na sua totalidade, deveria manifestar a autêntica imagem nacional do povo e sua característica cristã.

A evidência desses ininterruptos, inquebrantáveis e inabaláveis 1700 anos da Igreja Armênia é parte inseparável da história do Cristianismo como todo, e da história da humanidade em geral. No cumprimento de sua missão, a Igreja Armênia penetrou tão profundamente na vida do povo e se mesclou tão intimamente com os sofrimentos, tendências, sonhos, esperanças e luta de sobrevivência nacional, que se tornou parte integrante dos armênios.

Finalizando, diríamos que não é possível entender a história do povo armênio e da Armênia dos últimos 1700 anos, se não registrar o destacado papel da Igreja Armênia no contexto do seu povo.

Abstract: A general view of Armenian Christianity, origins, the first preachers, the apostles, Drtad's Kingdom, Persian and Bizantine Empires, the prosperity of the new religion, the cultural revolution, the alphabet and its translations, the influence of religion on literature, arts and science.

Keywords: Armenian Apostolic Church, Persian and Bizantine Empires, Krikor, Drtad's Kingdom.